

A ABORDAGEM SINTÁTICO-SEMÂNTICA DA FRASE THE APPROACH OF SYNTACTIC AND SEMANTIC SENTENCE

Fernando Moreno da Silva¹

Resumo: O artigo propõe analisar a frase sob o ponto de vista sintático-semântico. Tal abordagem concentra-se na estrutura argumental da oração, formada de verbo (elemento central) e de elementos obrigatórios (argumentos). Com isso, o verbo passa a ser o elemento central, e cada um dos constituintes oracionais (argumentos) recebe uma função semântica, chamada de caso semântico ou papel temático. O enfoque semântico da frase permite ainda uma nova tipologia oracional: orações dinâmicas e orações estativas. A abordagem sintático-semântica é uma forma alternativa para a oposição binária “sujeito e predicado” da gramática tradicional. Para análise dessa abordagem, tomar-se-á o texto “De ataques e quadrilha”, de Clóvis Rossi.

PALAVRAS-CHAVE: Oração. Estrutura argumental. Tipologia oracional.

Abstract: The article aims to analyze the sentence under the view of syntactic and semantic. This approach focuses on the argument structure of clause, formed from verb (central) and mandatory elements (arguments). Thus, the verb becomes the central element. And each of these clause constituents (arguments) receives a semantic function, called the case semantic or thematic role. The semantic approach also allows the phrase a new typology clausal: clause dynamic and static. The syntactic-semantic approach is an alternative to the binary opposition "subject and predicate" of traditional grammar. For analysis of this approach to take will be the text "Attacks and gang", of Clóvis Rossi.

KEYWORDS: Clause. Argument structure. Typology clausal.

Introdução

A sintaxe muitas vezes convive com uma confusão de conceitos e suas respectivas definições. Uma delas é distinção de frase e oração. Câmara Jr. (1989, p. 162-68) define frase como unidade do discurso — o termo “discurso” equivale à expressão “fala” da dicotomia saussureana língua-fala —. Sua extensão é variável, podendo corresponder a apenas um vocábulo, como a resposta “sim” dada em um diálogo. Se ela funcionar como uma forma livre, nomenclatura usada por Bloomfield (1957), com funcionamento autônomo no intercâmbio social, tal vocábulo receberá o *status* de frase.

¹ Pós-doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FCLAr). E-mail: fermosilva@yahoo.com.br.

Essa afirmação traz em si um aspecto muito importante quando se define frase: intenção do falante. Toda enunciação será uma frase quando carrear nela própria um propósito definido por parte do usuário da língua.

Quando se fala em discurso, é necessário ainda destacar uma propriedade *sui generis*: entoação. Este também é outro aspecto definidor de frase, pois a estrutura fônica particulariza um vocábulo ou um conjunto dele. Um vocábulo empregado na fala nem sempre tem o mesmo sentido da palavra em estado de dicionário. A forma como ele é pronunciado influi verdadeiramente na decodificação e na inteligibilidade dos sentidos.

O número de conceitos aumenta em Lyons (1979, p. 178). O linguista norte-americano elenca cinco unidades da descrição gramatical: frase, oração, perífrase, palavra e morfema. Como unidade mínima está o morfema; como unidade maior, a frase. A oração foi tradicionalmente definida dentro da relação binária de sujeito e predicado.

1. Estrutura argumental

A proposta da abordagem sintático-semântica (IGNÁCIO, 2003, p. 109-126) vai de encontro à proposta da gramática tradicional, que, conforme referida anteriormente, busca a estrutura bipartida da oração em sujeito e predicado.

Nessa outra proposta, a preocupação se concentra na estrutura argumental da oração, quando o verbo passa a ser o elemento central, estruturador da oração, formando o conjunto composto de verbo e seus elementos obrigatórios (argumentos).

Em vez de falar da estrutura bipartida tradicional da sintaxe (sujeito e predicado), é necessário imaginar que a frase seja o palco de uma apresentação de teatro (Frase = palco de teatro).

No palco, estão os atores. Na frase, os atores são as palavras. Assim como na peça há o ator principal (o herói), na frase ele também aparece: é o verbo.

Exemplo: O jogador marcou dois gols.

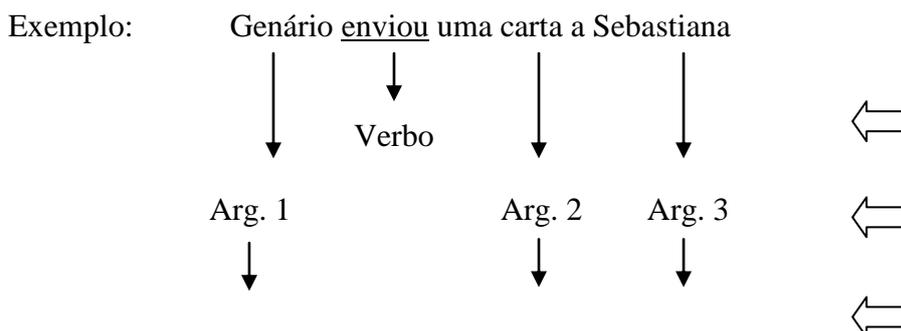
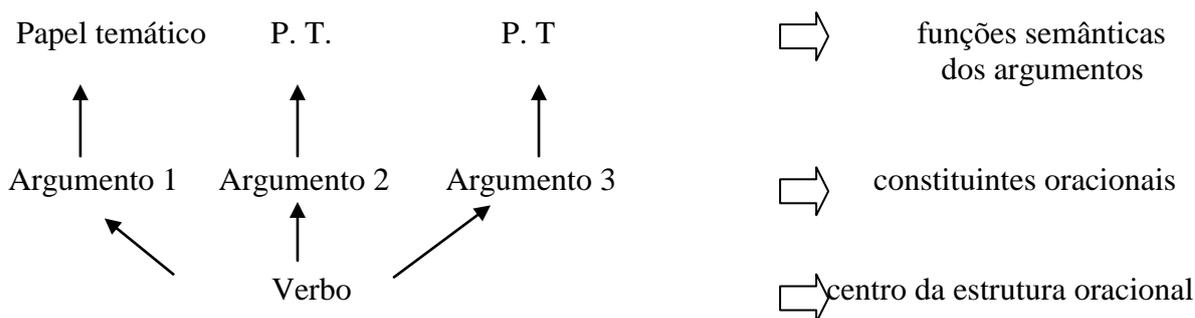
Nesse exemplo, há uma frase (palco) com quatro palavras (quatro atores): “jogador”, “marcou”, “dois” e “gols”.

Às vezes, há peça com um, dois, três ou quatro atores, ou seja, com várias palavras. Quem vai determinar o número de palavras é o verbo. É ele quem pede uma, duas, três ou quatro palavras. O verbo, e não mais o sujeito, é o elemento central e estruturador da frase.

Tudo gira em torno dele: é o princípio da centralidade do verbo (CHAFE, 1979; TESNIÈRE, 1965). Nesse princípio, os elementos obrigatórios exigidos pelo verbo recebem o nome de argumento ou constituintes oracionais, daí o nome “estrutura argumental”. E cada argumento possui uma função semântica, chamada de caso ou papel semântico, ou simplesmente papel temático. Abaixo, com exemplos próprios, os principais casos semânticos com base em Ignácio (2003, p. 111-2):

1. Agente ou agentivo: é o instigador da ação verbal. Um ser animado que tem o controle sobre a ação. Ex. O **vizinho** irritou o cachorro.
2. Paciente: recebe ação ou sofre os resultados do processo. Ex. O **aparelho** foi danificado.
3. Receptivo ou Destinatário: a quem se destina a ação verbal. Ex. Mandei a carta a **Maria**.
4. Beneficiário: quem se beneficia pela ação ou pelo processo. Ex. **Ricardo** foi premiado
5. Experimentador: quem experimenta processo ou sensação. Ex. **Rute** sentiu seu amor.
6. Causativo: causador de uma ação. Não controla a ação. Ex. A **chuva** estragou tudo.
7. Instrumental: desencadeador de uma ação. Sendo manipulado, sempre pressupõe um agente que o manipulado. Ex. A **chave** finalmente conseguiu abrir a porta.
8. Objetivo: ponto de referência de um estado. É neutro. Ex. O **quadro** era o enfeite da casa.
9. Origem: ponto de origem de um processo. Ex. O **chuveiro** fazia barulho todas as noites.
10. Locativo: lugar do evento ou de referência. Ex. Minha **casa** será o palco da festa.

A seguir, pelo esquema próprio, é possível compreender melhor a estrutura da frase:



(Agentivo)

(Paciente) (Destinatário)

Resvalando no papel central do verbo, cumpre trazer à baila o conceito de valência verbal (TESNIÈRE, 1965), um princípio que rege a relação entre o verbo e seus constituintes obrigatórios na organização oracional. A valência verbal mostra que cada verbo exige um determinado número de elementos (constituintes oracionais)². Dessa forma, o verbo será monovalente, bivalente, trivalente, tetravalente ou avalente; neste último caso quando houver ausência de argumento, como nos verbos impessoais (“Vai chover”).

a) monovalente: O menino correu (verbo exige apenas um constituinte)

b) bivalente: A mulher não gostou do homem (dois constituintes)

c) trivalente: O chefe deu a ordem aos empregados (três constituintes)

d) tetravalente: A transportadora levou a encomenda de São Paulo a Cuiabá (quatro constituintes). São raros os verbos tetravalentes.

Tradicionalmente, conhecem-se duas propriedades que analisam o funcionamento do verbo: regência e transitividade verbais. O conceito de valência verbal vem enriquecer essa abordagem, pois é mais abrangente e permite uma redefinição da nomenclatura tradicional no que diz respeito aos elementos que completam o sentido do verbo. Pela gramática tradicional, restrita às relações sintáticas, os verbos se classificam em transitivos (verbo que necessitam de complementos, como objetos direto e indireto) e intransitivos (que não exige complemento).

Exemplos: “Fomos a São Paulo” e “A discussão durou duas horas”.

Seria inadequado dizer que os verbos acima sejam intransitivos, afinal exigem, respectivamente, complementos de lugar e de tempo. Com base na valência verbal, que trata da relação entre verbo e constituintes obrigatórios na organização da oração, além dos complementos tradicionais (objetos), incluem-se o sujeito e os complementos circunstanciais (de tempo e de lugar). Assim, o sujeito fica no mesmo nível dos complementos, pois o centralizador da oração é o verbo e não o sujeito.

Enquanto a sintaxe classifica tais verbos como intransitivos (complementos não exigidos pelo verbo), o conceito de valência colocará tais complementos como obrigatórios, afinal, abrange também o nível semântico. Com isso, os verbos “ir” e “durar”, exemplificados acima, seriam bivalentes por exigirem dois elementos (sujeito e complemento circunstancial).

Borba (1996, p. 46-57) propõe a tripartição do conceito de valência:

- a) valência quantitativa: número de argumentos (constituintes oracionais) exigidos pelo verbo. De zero a quatro elementos (avalente, monovalente, bivalente, trivalente e tetravalente);
- b) valência sintática: natureza sintática dos elementos (sujeito, objetos direto e indireto);
- c) valência semântica: são os casos semânticos (agente, paciente, receptivo, etc.).

2. Tipologia oracional

Além do critério sintático, a abordagem semântica permite que se crie uma nova classificação das orações. Há dois grandes grupos para a tipologia oracional: orações dinâmicas e orações estativas (IGNÁCIO, 2003, p. 115-119).

As orações dinâmicas se dividem em três grupos, de acordo com o verbo:

- a) Ativas: constituem-se com base num verbo que indique ação, formando um tipo de sujeito com caso semântico de agentivo. Ex.: Eduardo correu muito
- b) Processivas: constituem-se com base num verbo de processo, fazendo com que o sujeito seja um paciente ou experimentador. Ex.: Cibele sentiu-se insegura
- c) Ativo-processivas: formada a partir do verbo que indique, ao mesmo tempo, um fazer e um acontecer. Ex.: Antônio destruiu toda a vida de sua mulher

As orações estativas são formadas a partir de verbo que indica “ser/estar/existir”. Ex. Conceição está entediada; Nessa escola havia alunos de várias nacionalidades

3. Análise do texto de Clóvis Rossi

O texto escolhido como objeto de análise para a abordagem sintático-semântica foi a crônica “De ataques e quadrilha” de Clóvis Rossi (2006, p. 2), colunista do jornal *Folha de S. Paulo*.

1) Faço (ação) questão de me solidarizar (processo) com o presidente do PT em sua campanha para dedicar (ação) a eventual vitória do partido aos companheiros que foram atacados (estado).

Faço (ação)
eu: experimentador
Questão: objetivo

Solidarizar (processo)
eu: experimentador

² Na nomenclatura de Lucien Tesnière (1965), os elementos constituintes da oração receberam o nome de actantes.

presidente: receptivo

Dedicar (ação)

Ricardo Berzoini: agentivo

Vitória: causativo

Companheiros: beneficiário

Campanha: instrumental

2) Os “ataques” foram inaceitáveis

foram(estado)

ataques: instrumental

inaceitáveis: atributivo

3) Veja o caso do deputado João Paulo Cunha

Veja (ação)

[leitor]: agentivo

caso: objetivo

4) pede (ação) à mulher que pague (ação) a conta da TV a cabo no banco, mas ela, de maneira vil e soez, é “atacada” (processo) por um maço de R\$ 50 mil

pede (ação)

João Paulo Cunha: agentivo

Mulher: receptivo

Pague (ação)

[mulher]: agentivo

conta: objetivo

banco: locativo

é “atacada” (processo)

ela: paciente

maço: instrumental

5) Ninguém mais aguenta (processo) a violência neste país

ninguém: paciente

violência: causativo

país: locativo

6) a moça foi obrigada (processo) a levar o dinheiro para casa e entregar (ação) para o marido

foi obrigada (processo)

moça: paciente

dinheiro: objetivo

entregar(ação)

moça: agentivo

marido: beneficiário

casa: locativo

7) A baixaria dos “ataques” revelou-se (estado) especialmente no caso daquele petista do Ceará

baixaria: objetivo

caso: objetivo

8) os “atacantes” visaram (ação) literalmente suas partes baixas, ao enfiarem (ação) a mão na cueca do cidadão para nela colocar (ação) até dólares

visaram (ação)

atacantes: agente

partes: objetivo

enfiarem (ação)

[eles]: agente

mão: instrumental

cueca: objetivo

colocar (ação)

[eles]: agentes

dólares: causativo

9) “Ataque” com moeda forte deve doer (processo) mais

ataque: causativo

moeda: instrumental

10) Se eu fosse (estado) Berzoini, pediria (ação-processo) a demissão sumária do procurador-geral da República por ter confundido (ação-processo) a opinião pública ao afirmar (ação) que o PT se transformara (ação-processo) em “quadrilha” e “organização criminosa”

fosse (estado)

eu: agente

Berzoini: objetivo

Pediria (ação-processo)

Eu: agente

Demissão: instrumental

Procurador-geral: paciente

Ter confundido (ação-processo)

Procurador-geral: agente

Opinião pública: destinatário

Afirmar (ação)

Procurador-geral: agente

Transformara (ação-processo)

PT: agente

“quadrilha”/ “organização criminosa”: atributivo

11) É capaz de algum desavisado, que não vê (ação) a aura de santidade em torno da cabeça de todo petista, achar (processo) que os “ataques” não foram (estado) “ataques”, mas fatos

vê (ação)

desavisado: agentivo

aura: objetivo

cabeça: locativo

achar (processo)

desavisado: experimentador

ataques: instrumental

fatos (causativo)

foram(estado)

ataques: objetivo

ataques: causativo

12) A confusão é (estado) tamanha que envolve (ação-processo) até o presidente da República, presidente de honra do PT

É (estado)

Confusão: causativo

Tamanha: atributivo

Envolve (ação-processo)

Confusão: agentivo

Presidente: paciente

13) ele, em vez de condenar (ação-processo) os “ataques” que seu partido sofreu (processo), pediu (ação) desculpas, na certa supondo, como o procurador, que não houve (estado) “ataques”, mas fatos

condenar (ação-processo)

ele: agentivo

ataques: objetivos

partido: destinatário

sofreu (processo)

partido: paciente

pediu (ação)

ele: agentivo

desculpas: instrumental

procurador: objetivo

houve (estado)

ataques: instrumental

fatos: causativo

14) Ainda por cima demitiu (ação-processo) algumas das vítimas dos “ataques”, chamando-as (ação) de “envolvidos”

demitiu (ação-processo)
[presidente]: agentivo
vítimas: paciente

chamando (ação-processo)
[presidente]: agentivo
envolvidos: paciente

15) Faltou a Berzoini dedicar (ação-processo) a eventual vitória igualmente a Paulo Maluf

Berzoini: agentivo
vitória: causativo
Paulo Maluf: destinatário

16) Maluf também se queixa (processo) sempre de ser (estado) vítima de “ataques” e, afinal, é (estado) companheiro de viagem do lulo-petismo

queixar (processo)
Maluf: objetivo

Ser (estado)
Maluf: paciente
Vítima: atributivo

É (estado)
Maluf: objetivo
Companheiro: objetivo
Lulo-petismo: agentivo

Considerações Finais

Levando-se em conta a classificação tradicional de textos, a saber, narrativos, descritivos e dissertativos, pode-se enquadrar o texto analisado no tipo “dissertativo”, já que o enunciador discute e polemiza a questão abordada, num tom muito irônico. Fazendo um levantamento dos casos semânticos e dos tipos de orações ocorridos no texto de Clóvis Rossi, chega-se aos seguintes números:

Papel temático:
Agentivo: 21
Paciente: 9
Receptivo: 2
Beneficiário: 2
Destinatário: 3
Experimentador: 3
Causativo: 9
Instrumental: 9
Objetivo: 16
Origem: 0
Locativo: 4
Atributivo: 4

Tipologia oracional:
Ação: 13
Processo: 8
Ação-processo: 8
Estado: 8

Como se vê, no rol da tipologia textual houve um predomínio de verbos de “ação” e um equilíbrio dos demais tipos de verbos. Por ser um texto dissertativo, era de se esperar o uso bastante acentuado de orações ativas, já que o enunciador é bastante polêmico na sua construção argumentativa.

Com relação aos papéis temáticos, percebe-se uma vantagem bem nítida de “agentivo” e “objetivo”. O número patente dos casos semânticos agentivo vem corroborar o predomínio dos verbos de ação, pois ele, o agentivo, caracteriza-se por ser justamente o instigador da ação verbal, com traços de animado, causador, volitivo e controlador.

A função semântica “objetivo” consiste em fazer referência a um estado. Portanto, nada surpreendente sua segunda colocação nos casos mais usados, afinal, para argumentar, o enunciador se vale, antes, da apresentação do foco sobre o qual ele discorrerá. Nada mais natural, portanto, que primeiro ele faça as devidas referências.

Referências bibliográficas

BLOOMFIELD, L. *Language*. 4. ed. New York: H. Hold & Co., 1957.

BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

CAMARA JR, J. M. *Princípios de lingüística geral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. 1. ed. Trad. de Maria H. M. Neves et al. São Paulo: Livros Técnicos, 1979.

IGNÁCIO, S. E. *Análise sintática em três dimensões*. 2. ed. Franca: Ribeirão Gráfica Editora, 2003.

LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. 1. ed. Trad. de Rosa V. M. S. & Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.

ROSSI, C. De ataques e quadrilha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 2006. Opinião, p. 2.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris: C. Klincksieck, 1965.

Anexo: “De ataques e quadrilha”, de Clóvis Rossi.

Faço questão de me solidarizar com o presidente do PT, Ricardo Berzoini, em sua campanha para dedicar a eventual vitória do partido aos “companheiros que foram atacados”.

De fato, os “ataques” foram inaceitáveis. Veja o caso do deputado João Paulo Cunha: pede à mulher que pague a conta da TV a cabo no banco, mas ela, de maneira vil e soez, é “atacada” por um maço de R\$ 50 mil. Ninguém mais agüenta a violência neste país. Pior: a moça foi obrigada a levar o dinheiro para casa e entregar para o marido. Que “ataque”, hein?

A baixaria dos “ataques” revelou-se especialmente no caso daquele petista do Ceará: os “atacantes” visaram literalmente suas partes baixas, ao enfiarem a mão na cueca do cidadão para nela colocar até dólares. “Ataque” com moeda forte deve doer mais.

Se eu fosse Berzoini, pediria a demissão sumária do procurador-geral da República por ter confundido a opinião pública ao afirmar que o PT se transformara em “quadrilha” e “organização criminosa”. É capaz de algum desavisado, que não vê a aura de santidade em torno da cabeça de todo petista, achar que os “ataques” não foram “ataques”, mas fatos.

A confusão é tamanha que envolveu até o presidente da República, presidente de honra do PT: ele, em vez de condenar os “ataques” que seu partido sofreu, pediu desculpas, na certa supondo, como o procurador, que não houve “ataques”, mas fatos. Ainda por cima demitiu algumas das vítimas dos “ataques”, chamando-as de “envolvidos” (Palocci, no ataque ao sigilo bancário de um caseiro; Dirceu no “ataque” chamado “mensalão”).

Faltou a Berzoini dedicar a eventual vitória igualmente a Paulo Maluf. Maluf também se queixa sempre de ser vítima de “ataques” e, afinal, é companheiro de viagem do lulo-petismo.